

VOLTA REDONDA, RJ, 30 DE AGOSTO DE 1996

*Senhor Governador do Estado do Rio de Janeiro, Marcello Alencar; Ministro Dornelles, da Indústria e Comércio; Demais Ministros que me acompanham; Senhores Parlamentares; Senhor Prefeito de Volta Redonda; Meu amigo, Presidente da White Martins, Félix Bulhões; Senhor Vice-Presidente da White Martins, Ivan Ferreira Garcia; Demais Autoridades Cíveis e Militares; Senhores Empresários; Diretores; Gerentes; Funcionários da White Martins; Senhoras e Senhores;*

Não bastasse a visita que fiz, há pouco, à linha de produção de flandres de Volta Redonda, para reafirmar em mim o otimismo e a confiança no Brasil, esta inauguração, hoje, aqui, benta inicialmente por meu amigo Félix Bulhões e agora consagrada por todos nós, é um exemplo adicional para reafirmar a confiança que nós devemos ter no progresso do Brasil.

Todos os senhores têm acompanhado de perto as dificuldades com que tivemos de nos defrontar para recolocar o Brasil num rumo que lhe desse perspectiva, tranqüilidade e confiança.

Hoje, já sentimos os primeiros resultados positivos de um esforço convergente do Governo, da sociedade civil, do Congresso Nacional, enfim, das forças que têm que decidir a respeito de investimento, distribuição de renda, proporção do uso dos recursos na área social, reinvestimentos e assim por diante. Hoje, é mais palpável aquilo que, certamente, num futuro próximo, será visível para todos: entramos, efetivamente, numa nova onda de crescimento econômico.

Nesta manhã, li uma declaração do Dr. Edmar Bacha, que foi um dos formuladores do Plano Real e me deu uma colaboração imensa nas negociações com o Congresso Nacional – o Deputado Dornelles sabe disso –, de que aqueles que pensam que o Brasil está crescendo este ano a 2.8% estão perdidos, com uma visão gregoriana – gregoriana quer dizer do calendário gregoriano. Na verdade – diz o Bacha, não sou eu –, neste momento, se anualizada a taxa de crescimento, já dá mais de 6%.

Quem pensa com propriedade pensa olhando para a frente. Qual é o horizonte? O horizonte é de crescimento. Não adianta pensar no que aconteceu, o que aconteceu já aconteceu; nós temos é que construir o futuro. E o futuro já está sendo construído no presente. Isso me parece fundamental.

Depois do combate tenaz para conter a inflação – e esse combate é permanente –, é preciso chegar ao momento de aumentar o investimento e, portanto, aumentar a poupança; e, portanto, aumentar o bem-estar; e, portanto, de pensar que crescer e distribuir renda vêm simultaneamente, e não um depois do outro.

Chegamos a esta hora. Chegamos à hora em que já se pode ver com firmeza, sem preocupações quanto à pressão inflacionária, que o investimento está começando a acontecer no Brasil. Esta extensão da White Martins para atender à extensão da CSN é prova disso. E, hoje, quando se pensa em crescimento, não se pensa mais como no passado, em termos de um pólo de crescimento. É diferente: é um eixo de crescimento.

Tenho dito e repetido que o porto de Sepetiba, que nós vamos fazer, não é um porto do Rio de Janeiro, é um porto do Brasil. Mas não é apenas um porto: é a ponta final do eixo de crescimento

econômico, que vai enganchar lá longe, no Mato Grosso, nas nossas fronteiras. Esse conjunto vai ser vivificado pelo porto e vice-versa. Essa é a nova visão.

É por isso que, no programa de metas apresentado recentemente pelo Ministro Kandir – que, na verdade, é a concretização do plano de desenvolvimento anualizado, o PPA; nós apenas destacamos ali quarenta e dois marcos desse plano de desenvolvimento –, se vê que há uma preocupação da formação de nichos, até mesmo em termos de transporte, de energia; de eixos viários, porque, ao redor deles, nós vamos construindo uma base industrial, uma base agrícola, uma base de serviços, que mudam o Brasil.

Agora, os que forem a São Paulo e verificarem o que está acontecendo na hidrovia do Tietê-Paraná, vão ver que às margens daquela hidrovia e nela flui riqueza. E nós estamos preparando o rio São Francisco. Recentemente, decisões da Companhia Vale do Rio Doce, junto com o Governo de Minas e com o Governo Federal, acerca da estrada de ferro que vai ligar Unai a Pirapora, vão permitir, de novo, que uma boa parte de Minas Gerais e de Goiás escoe sua produção pelo rio São Francisco.

Eu poderia dar vários outros exemplos do que está sendo feito – não do que está no papel, mas do que está sendo feito. Evidentemente que os frutos de um investimento levam alguns anos, levam algum tempo. É um processo. Não é só a decisão do empresário, do presidente, do sindicato e do trabalhador: é um trabalho contínuo. Mas o rumo está dado e os pilares estão lançados. Agora é trabalhar e ter fé, acreditar em nós próprios e caminhar.

Isto aqui é um marco na mesma direção. Quero cumprimentar, em primeiro lugar e através do nome do Félix Bulhões, todos os trabalhadores, empregados, engenheiros da White Martins, cumprimentar a CSN, como já fiz, há pouco, e reafirmar o que foi dito pelo Bulhões. O Governador Marcello Alencar tem sabido iluminar o Rio de Janeiro com esperança, tem sabido chamar a atenção para aqueles marcos com que se constitui, realmente, uma visão nova do Rio de Janeiro.

E isso é fundamental para que possamos manter a motivação na população. Nada se faz num país nem se constitui uma nação sem seu povo. Não se constitui uma nação tecnocraticamente; não se constitui, muito menos ainda, burocraticamente e nem sequer politicamente. É, realmente, um conjunto direto de participação da população, com suas crenças, com pontos de vista diferentes uns dos outros, com críticas aqui, críticas ali, mas avançando numa certa direção.

Eu já disse, não podemos pensar em “primeiro cresce para depois distribuir”. É junto. Não quero referir-me, agora, ao imenso esforço que estamos fazendo na área social, na educação, na saúde. Amanhã, possivelmente, em São Paulo, terei a oportunidade de falar sobre esses aspectos mais diretamente sociais. Mas são ilusos os que imaginam ser possível um plano social sem que haja uma base econômica. E são de visão curta os que imaginam que a base econômica, sem uma visão social, possa ter durabilidade, porque ela vai ser, logo adiante, sufocada pela falta daquilo que é o bem mais precioso, que é o homem, a mulher, o ser humano.

As coisas têm que vir juntas. Estão vindo juntas, estão vindo encadeadas. Emociona, muitas vezes, ver, nos rincões mais perdidos do Brasil, que lá existe uma escola e, de repente, um hospital; e que o SUS, que tanta gente critica, está lá na região mais pobre. É difícil, tem fila, é verdade, falta, às vezes, um medicamento. Tudo isso é verdade. Mas são muitos milhões de brasileiros que dependem de uma prestação por parte dos poderes públicos, e, enfim, os poderes públicos continuarão escassos para chegar até eles, se não houver uma convergência com a sociedade civil, uma parceria que, realmente, cimente um caminho de maior felicidade.

Eu queria, portanto, me desculpendo por ter me estendido demasiado, talvez, nesta breve alocução, apenas felicitar a White Martins e os seus trabalhadores, os seus funcionários. Desculpando-me por isso, queria simplesmente dizer que, ao acreditar na CSN e no Brasil, ao acreditar que é possível, a partir daqui, expandir para a América do Sul, a White Martins dá o exemplo – exemplo que muitos empre-

sários estão seguindo, mas eu espero que todos os demais empresários sigam, e que não tenhamos medo de competir mais.

Nós não precisamos ter medo da competição. Somos competentes, temos tecnologia, temos trabalhadores capazes, temos um governo que é honesto. Dir-se-á o que quiser do Governo, menos que não é honesto, menos que não faz com propósitos bons. Pode estar errado, mas não estará errado pelo mal da corrupção nem pela falta de coragem de enfrentar os problemas.

Então, nós, hoje, temos um conjunto de condições que permitem uma cooperação muito legítima, muito fluida, muito sem reservas de todos os brasileiros, porque o nosso pensamento deve ser um só: o bem do Brasil. Isto, aqui, é uma marca em favor do bem do Brasil.

Muito obrigado.

